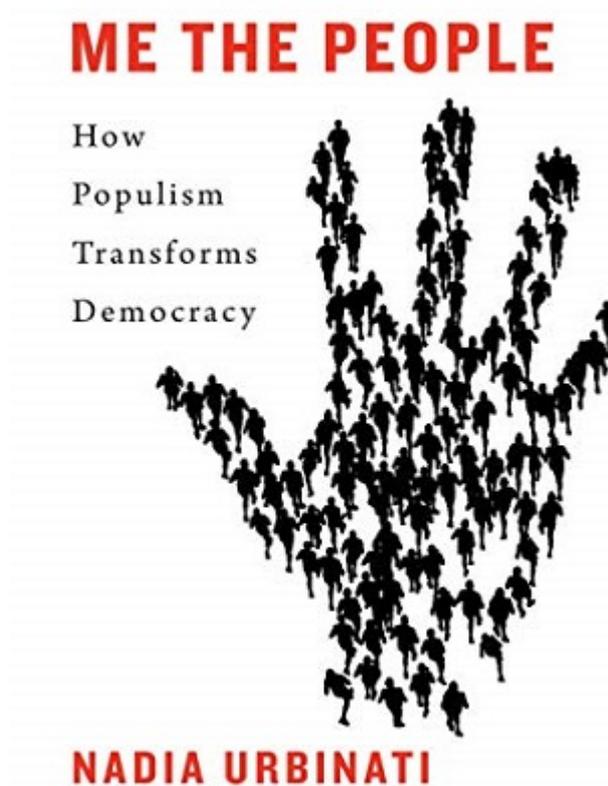


Cinco passos para se tornar um líder populista e fazer sucesso

O livro *Me, the People*, de Nadia Urbinati, seguido pelo documentário de mesmo nome, ensina como se tornar um líder populista em cinco passos. A fórmula serve para jornalistas, advogados, juízes, policiais e religiosos.

A receita, sinteticamente, é essa 1) identificar pessoas infelizes; 2) aumentar o medo dessas pessoas; 3) culpar alguém; 4) desmoralizar instituições, como o Congresso ou o STF; e 5) usar meios de comunicação para amplificar a mensagem.

Reprodução



Reprodução

O melhor exemplo contemporâneo, no Brasil, da eficiência desse truque foi o *lavajatismo*, que entregou o governo do país a Jair Bolsonaro. Os protagonistas mais visíveis dessa obra, como Sergio Moro e Deltan Dallagnol, adquiriram grande projeção. Mas, na linha auxiliar do movimento, outros personagens lucraram com o negócio.

O principal papel desses coadjuvantes foi fuzilar os ministros do Supremo, os estraga prazeres que revogavam decisões estapafúrdias da autoapelidada "lava jato". Entre eles, brilham nomes como **Modesto Carvalhosa** e **Joaquim Falcão**, por exemplo — que chegaram a virar sócios da apelidada

Fundação Dallagnol, que drenaria algo como R\$ 2,5 bilhões da Petrobras.

Troca de cipó

Outro que identificou, com oportunidade, o potencial de notoriedade e negócios que é bombardear ministros do STF foi o procurador de justiça **Roberto Livianu**, que criou o cômico e bem patrocinado "Instituto Não Aceito Corrupção", sala de espera luxuosa para sua futura empresa de compliance.

Fábrica de falsos heróis e falsos vilões, a "lava jato" deu fama e renda também ao hoje conhecido **Conrado Hübner Mendes**. Ele funcionou como caixa de ressonância de Curitiba na rotina de tentar emparedar ministros do Supremo. Críticas à chamada "operação", só no ocaso do esquema, claro. Importante saber a hora de trocar de lado.

Já se [publicou](#) aqui em 2018: na bolsa de valores morais, faz cada vez mais sucesso dizer o que as massas querem ouvir. No campeonato nacional da demagogia, defender a prisão de quem apenas é réu conta pontos. Difícil mesmo — como foi na década de 1930 na Alemanha ou na década de 1960 no Brasil — é sustentar que a cruzada moralista contra o que se entende por corrupção não autoriza tudo.

O que o cronista mostra saber sobre o STF é o que sai nas imprecisas notícias de jornal. Sua única experiência com o Direito da vida real foi uma reclamação trabalhista, contra a FGV. Nunca advogou. Sua tese em Direito Constitucional foi no campo das ciências sociais em um país que não tem tradição de direito escrito e muito menos de jurisdição constitucional: a Escócia.

Atacar decisões sem as ler é um esporte muito praticado por comentaristas que atacam o juiz que não decide como esperam as arquibancadas. Sempre em busca do aplauso fácil, fazem o papel de animadores de auditório.

Em seus textos, Hübner continuou a fazer eco a Curitiba quando o procurador-geral da República, Augusto Aras, enquadrou a "operação". Em seus textos, o cronista cobra de Aras que restaure a PGR da era do terror quando se empreendia caçadas como as que vitimaram Dilma, Lula e Temer.

Alvo de uma representação e um processo, o advogado licenciado agiu de maneira estranha para quem festeja processos e condenações. Assim como alguns jornalistas valentões que atacam duramente a honra alheia, mas se escondem na hora que o oficial de justiça aparece, Hübner pediu socorro à sua corporação alegando um inexistente atentado contra a liberdade de expressão. Uma lógica peculiar: o cronista e seus amigos acham que ele pode escrever o que quiser de quem for. Mas se for alvo de uma representação ou processo será um atentado contra a democracia.

Aras pode ter cometido um erro tático ao proporcionar tanta visibilidade ao cientista social amador. O Supremo Tribunal Federal e o Superior Tribunal de Justiça optaram por outro caminho. Abriram inquéritos para breçar a campanha profissional de desmoralização de ministros — deflagrada para manter Curitiba no governo do país. Oswaldo Eustáquio, preso na Papuda, em Brasília, também se disse vítima de um atentado contra sua liberdade de expressão.

O livro *Me, the People* — obra que faz a continuação de outra, o excelente *Como a picaretagem conquistou o mundo*, de Francis Wheen — identifica uma inflexão do populismo no mundo. Mas

identificar aflitos e desnorteados (1), aludir e inflar um perigo (2), culpar o STF (3) ou desmoralizar a PGR (4) e usar a mídia (5) — mostra Hübner —, ainda funciona por aqui como fórmula fulminante para o sucesso.

Outro lado

Em manifestação enviada à ConJur, **Modesto Carvalhosa**, representado pelo seu advogado, disse que não teve qualquer participação ou atuação na fundação cogitada pelos integrantes do Ministério Público Federal lotados em Curitiba, com parte dos recursos provindos do acordo firmado com o Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

"Nunca participou desse acordo, tendo dele sabido, bem como da ideia da fundação, por meio da mídia, como todo e qualquer cidadão, sendo inaceitável a ideia de que iria participar dos recursos dessa cogitada entidade. Trata-se de uma notícia sem qualquer fundamento, pelo que a assertiva feita na matéria é falsa em detrimento da honra do peticionário e do direito do público leitor de acesso a informações verdadeiras", informou **Gauthama C. C. Fornaciari de Paula**, representante de Modesto.

Date Created

21/05/2021